

16 JAN 1997

NOSSA OPINIÃO

Educação

O GLOBO

# Problema pedagógico

**Q**uando o ministro Paulo Renato Souza, aceitando sugestão do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb), avaliou a troca da repetência por programas de aceleração do fluxo escolar, houve quem temesse que a medida viesse piorar ainda mais a qualidade do ensino.

Desse medo, transparecem duas coisas: a ilusão de haver mal pior para a qualidade do ensino que os índices atuais de repetência; e o desconhecimento do que vem a ser um programa de aceleração do fluxo.

A taxa nacional de repetência no ensino fundamental, apurada em pesquisa recente do Saeb, é de 33%. O percentual chega a 44%, na 1<sup>a</sup> série do Primeiro Grau. Dos 27,4 milhões de crianças atendidos no ensino fundamental, portanto, 9,8 milhões são repetentes, uma realidade trágica até bem pouco maskada pelo mito da evasão escolar.

Na realidade, o que se chama de evasão está reduzido, pelos dados de 1992, a 5%. Não costuma ocorrer senão depois de cinco anos de permanência na escola.

Da repetência, porém, deriva outro problema. O aluno brasileiro está levando em média 11,2 anos para concluir as oito séries do Primeiro Grau, encontrando-se em idade quase sempre superior à faixa etária correspondente a cada série. Na média nacional, 63% dos alunos do ensino fundamental têm idade superior à faixa etária normal para a série cursada; no Norte e no

Nordeste, 77,6% e 80%, respectivamente.

Ora, quanto mais velho for o aluno repetente em relação ao resto da turma, menos ele aprenderá. Além de bastante compreensível, é questão de fato: nos testes do Saeb constatou-se ser ele o de pior desempenho. A repetência está se mostrando o contrário da recuperação.

Assim, é preciso encontrar novas formas de recuperação. Ao mesmo tempo, achar meios de corrigir a grave distorção entre a série cursada e a idade. É o que se chama de aceleração do fluxo escolar, que evitaria, além disso, que só metade dos que entram na 1<sup>a</sup> série do Primeiro Grau chegue ao final, como acontece atualmente, elevando absurdamente os custos; e que 60% dos alunos do Segundo Grau ténham mais de 18 anos (no Nordeste são 87%).

Diversos estados brasileiros buscam a solução. Em São Paulo, o professor recebe uma remuneração extra para dar aulas de reforço; ou, para os repetentes, de aceleração.

No município do Rio, se está tentando o regime de dependência. No Paraná, no Maranhão e em Mato Grosso e em Minas Gerais implantou-se, em caráter experimental, um programa de aceleração do fluxo, visando à conclusão da 4<sup>a</sup> série com a idade adequada.

Não se trata de ocultar a má qualidade do ensino. Trata-se de desfazer um equívoco pedagógico — supor que a repetência acrescente alguma coisa ao processo de ensino.

63% dos alunos  
...têm idade  
superior à  
faixa etária  
normal